

## O campo-santo de J.J. Bachofen e alguns rastros de um matriarcado primitivo

Dra. Fernanda Siqueira Miguens<sup>62</sup>

### Resumo

Voltamos à obra de J.J. Bachofen em busca de alguma coisa que nos conecte com ideias que foram, tradicionalmente, desacreditadas no ambiente acadêmico. O que procuramos também é entender como aquilo sobre o que somos ensinados e, posteriormente, aquilo que reproduzimos, nos embota quando entramos em um processo com a escrita, a criação e a produção intelectual. No nosso caso específico, das mulheres, um determinado estatuto, imposto pela dominação masculina, nos mantém prisioneiras psicológica, política e intelectualmente. Assim, quando nos debruçamos sobre os conteúdos da obra de J.J. Bachofen, descobrimos uma concepção soterrada de matriarcado primitivo que, portanto, deve ser exumada. Desse modo, temos um vislumbre de uma ideia de direito materno que, embora a rigor seja primitiva, abre possibilidades para que possamos pensar a nossa existência futura. Um dos principais eixos da pesquisa do autor do século XIX, sobre a existência dos matriarcados primitivos, ainda causa bastante incômodo no meio acadêmico, revelando todo o sexismo que sustenta a teoria do conhecimento enquanto um sistema da dominação masculina, bem como revela a angústia resultante de uma relação com a morte e com o conhecimento estabelecida pelo patriarcado.

**Palavras-chave:** autobiografia; escrita; matriarcado; arte-tumular; sexismo.

### Abstract

We return to the work of J.J. Bachofen in search of something that connects us with the ideas that have traditionally been discredited in the academic media. What we are looking for is also to understand how the things that we learn, and then what we reproduce, dulls us during a process of writing, creation and intellectual production. In our specific case, of women, a certain statute, imposed by male domination, keeps us prisoners psychologically, politically and intellectually. Thus, when we look at the contents of J.J. Bachofen's work, we discover a buried conception of primitive matriarchy that must therefore be exhumed. In this way, we have a view of an idea of mother rights that, although strictly primitive, opens possibilities for us to think about our future existence. One of the main axes of the nineteenth-century author's research on the existence of primitive matriarchies still causes considerable discomfort in academia, revealing all the sexism that underpins the theory of knowledge as a system of male domination, as well as revealing the anguish resulting of a relationship with both death and knowledge established by patriarchy.

**Keywords:** autobiography; writing; matriarchy; tumular-art; sexism.

---

<sup>62</sup> Doutora em Filosofia pela UFRJ – Email: nandamiguens@gmail.com

Começamos pela citação de um trecho de uma autobiografia:

A forma, no fim das contas, é fornecida sem que dependa do objetivo ser atingido: a educação geral sobre uma fundamentação das ciências humanas em lugar da mera instrução especializada. Além disso, se as tendências materialistas presentes se tornam dominantes, o aprendizado tem chances de mais uma vez se transformar em um sacerdócio que vai perecer sem o apoio do Estado, dependendo dos fundos e das atividades privadas de todo tipo. Apenas então será possível perceber o ideal do qual tenho falado e erradicar o proletariado literário com todas as suas consequências maléficas. (BACHOFEN, 1992, p. 8)

Nesse trecho da sua autobiografia, Bachofen nos permite vislumbrar uma determinada necessidade da ação política no ambiente acadêmico. Em lugar dos conteúdos cerebrais proporcionados por uma educação retrógrada, marcada pela repetição das ideias de uma escrita que parece ter sido gravada em pedra, o autor aponta para um processo de mudança que busca assegurar a liberdade e a dignidade de todos os trabalhadores envolvidos diretamente com o campo da produção intelectual<sup>63</sup>... Sem dúvida, em se tratando de nós, mulheres, essa liberdade e dignidade passam pelo fim da mesma dominação masculina que não permite a nossa emancipação psicológica, política e cultural. No caso de J.J. Bachofen, a transformação do eu à qual o seu próprio processo de pesquisa o submete parece constituir uma chave para a transformação da percepção que desenvolve sobre o que viria a ser a realidade social do seu tempo... Um dos principais eixos da sua pesquisa, sobre a existência dos matriarcados primitivos, causa ainda bastante incômodo no meio acadêmico, revelando todo o sexismo que sustenta a teoria do conhecimento enquanto um sistema da dominação masculina.

No encalço da sua antropologia, buscamos ampliar a consciência da existência de um poder primitivo feminino, que se repete e se dissemina... Foi quando voltou à Suíça, sua terra natal, depois de algumas incursões nas universidades francesas e inglesas, que Bachofen percebeu a necessidade de analisar o fato de que o conjunto de leis que governa a vida das mulheres e dos homens no tempo parece determinar a mesma política sexual, aparentemente sem começo nem fim, sobre sucessivas gerações. A

---

<sup>63</sup> A tradição, ou o cânone do pensamento filosófico, muitas vezes também se sustenta sobre a ideia de que existe uma completa cisão entre o trabalho braçal, ou físico, e o trabalho intelectual, ou mental. Antonio Gramsci contribui para nos esclarecer sobre as dimensões desse equívoco ao expor a maneira como o corpo do intelectual é domesticado, tolhido e, portanto, consumido em um processo de produção.

memória de um matriarcado primitivo, que marca e atravessa toda a obra do autor, se desdobra em muitas linhas de força que dizem respeito ao pensamento engajado em uma emancipação das mulheres.

Em outra linha de pensamento, que se apropria do de Bachofen para ampliá-lo diante das urgências de uma causa revolucionária, a intelectual comunista alemã Clara Zetkin fala da importância de revelar os mecanismos que não permitem que as mulheres vejam a si mesmas como seres oprimidos... Nesse sentido, ela chama a atenção para a história das mulheres em sua luta feminista e abolicionista em um mundo sustentado por muitas escravidões<sup>64</sup>. Mas a pertinência da investigação de Bachofen para uma luta política das mulheres, obviamente, não esteve sempre dada... Em seu país de origem, nenhum estudioso parecia não estar envolvido com as questões públicas. Mas o que isso realmente significava? Ou poderia vir a significar agora diante de um mergulho em sua obra?

Além de todas as questões que as reflexões de Bachofen prometiam levantar precisamos observar que a sua época, marcada pela influência de pequenos grupos militantes no espaço da universidade, marcava também um período de grande rejeição ao estudo acadêmico “puramente conceitual” que, como alguns afirmavam, não seria capaz de incidir sobre a realidade prática. Entretanto, muitos anos depois, entre as mulheres oprimidas na Alemanha de Clara Zetkin, o pensamento do autor se mostrou bastante frutífero e determinante para um reconhecimento de uma história escrita no feminino a partir de um passado *comum* que agora poderia ser refletido no espelho do matriarcado primitivo. As mesmas filologia e jurisprudência que o haviam sido ensinadas durante a sua formação eram percebidas agora como um plano para abortar o pensamento das mulheres de um cânone sexista... Os mesmos corpos das mulheres criadas para servir aos homens, no casamento ou na prostituição, eram violados também por uma lei - *Die lex Voconia und die mit ihr Rechtsinstitute* - que as impedia de herdar propriedades<sup>65</sup>. Nesse contexto, em que lhes era negado o direito à propriedade, não é

---

<sup>64</sup> Exemplos dessa luta, onde o feminismo e o abolicionismo de modo algum se separam, são as norte-americanas Sojourner Truth e Harriet Tubman, que mostraram como na sua vida e na sua luta a escravidão e o machismo estrutural eram indissociáveis.

<sup>65</sup> As obras da escritora Jane Austen, no século dezoito, se desenvolvem - todas elas - em torno do drama das mulheres que, por não terem direito à herança e a propriedade, são vendidas em um mercado, administrado pelos homens (pais, irmãos, maridos...) que é a verdadeira base de sustentação dos casamentos, da exploração sexual das mulheres na prostituição e da escravidão das classes subalternas.

difícil imaginar como os crimes de estupro e assédio dos quais ainda somos vítimas, em um número alarmante, não eram sequer compreendidos como crimes... A mesma escola pensada para os homens, exclusora das mulheres, nos ensinava que uma história de vitórias e derrotas nas guerras, uma história de homens, era o que nos negava a liberdade e a dignidade necessárias para marcar as nossas presenças nas salas de aula... Sem dúvida estávamos excluídas do ambiente acadêmico, cumprindo o nosso papel de donas de casa ou prostitutas, aprisionadas por uma conduta sexual ritualizada não permitia que entrássemos em contato com as nossas verdadeiras necessidades. E o mercado de trabalho nunca nos libertou de cumprir com esses dois papéis, de dona de casa e de prostituta, que nos foram designados “desde que o mundo é mundo”.

Ao capturar as cores de um matriarcado primitivo o autor, talvez sem saber, deixou uma porta aberta para que entrevíssemos tanto a medida do desespero feminino quanto a enorme raiva guardada no coração das mulheres, em nossos corações, ainda que uma raiva inconsciente, em vários dos seus estágios, começasse a se manifestar, também através da sua leitura, contra todas as formas da dominação masculina. O seu estudo acabou por ofender os filósofos da época, que não suportavam a constatação do autor sobre a origem aristocrática dos sistemas legais, que se desenvolviam de uma maneira que considerava independente do interesse humano (BACHOFEN, 1992, p. 9) e, sobretudo, das mulheres. Bachofen ambicionava uma formação acadêmica a partir da qual o conhecimento não fosse apresentado como um cadáver dissecado, retalhado em muitas partes... Esse retalhamento, que excluía também o feminino do pensamento, revelava a necessidade da busca por estratégias de luta que pudessem nos levar além do sofrimento e da abnegação ensinados: a um *lugar* onde o autorespeito fosse o coração do nosso pensamento. Ao rememorar o poder das mulheres na pré-história de um matriarcado primitivo, a constrição gerada pela constatação de como fomos uma minoria realmente oprimida, por um processo econômico que nos escravizava, nos lares/prostíbulos ou por leis discriminatórias, nos ensinavam uma história onde havíamos perdido o controle sobre as nossas existências.

O direito das mulheres à dignidade e à liberdade também poderia ser inferido a partir da observação de obras de arte que datam da antiguidade... Sem essa visão da arte, a pesquisa acadêmica sobre a emancipação das mulheres não passa muito de um “esqueleto inanimado” (BACHOFEN, 1992, p. 10). A arte seria, para Bachofen, uma garantia de que *aquilo que escapa aos métodos tradicionais de ensino*, considerados

modernos por ele, não deixasse de estar presente na imaginação dos estudantes, das estudantes que sequer existiam, para que pudessem pensar outras formas de organização possíveis/impossíveis para uma comunidade formada tanto por homens quanto por mulheres. Não nos escapa o fato de que ele acreditava também em uma pretensa “harmonia humana suprema” (BACHOFEN, 1992, p. 10) que apenas a arte poderia sustentar. E em se tratando de arte, os livros são encarados como obras, que nos impelem a agir, a nos comprometer e a interferir. Em uma determinada ocasião, o autor declara como se sente, através da leitura de um livro, diretamente tocado “pelo calor do sol da Itália” (BACHOFEN, 1992, p. 10), bastante diferente da friagem em que cultivava naquele momento o próprio pensamento... O que o atrai mais do que tudo nos tratados sobre arte italianos e nos museus que chega a conhecer é um determinado tratamento para o que chama de “arte mortuária - um campo onde a antiguidade nos revela as suas maiores belezas” (BACHOFEN, 1992, p. 10). Na arte mortuária, com sua promessa de grandeza, Bachofen redescobre a pobreza da morte no mundo moderno. E chama a atenção para o fato de que, também por esse motivo, seria um desafio não reduzir a arqueologia à um incessante revirar de tumbas... E talvez uma tradução que busque uma redefinição para a morte e para a identidade das mulheres se pareça bastante, nesse ponto, com a arqueologia feita por ele:

Todos os tesouros que insuflam os nossos museus com a arte antiga foram tirados das tumbas e, de modo geral, a civilização deve às a elas muito mais do que imagina. Nas sociedades nômades, a tumba foi o primeiro e o único edifício estável. Uma construção para os mortos veio antes de uma construção para os vivos; a madeira - perecível - era considerada suficiente para o período de vida destinado aos vivos, mas a eternidade da última morada destinada ao homem demandava a solidez da pedra que nascia da terra. Sobre todas as coisas essenciais, os homens antigos pensaram de uma maneira impressionante e corretamente, como podemos esperar daqueles que estavam mais próximos de sua origem eterna. (BACHOFEN, 1992, p. 11)

Em busca de um culto antigo, o reconhecimento das formas femininas em divindades que parecem ter sido amputadas de sua dimensão andrógina, encontramos um comprometimento com os misteriosos conteúdos da morte celebrados sobre a pedra. Para o autor, qualquer forma de arte posterior teria surgido das primeiras ornamentações

dos sítios funerários... O que havia, em relação ao tempo de vida humano, de “inamovível e imutável” (BACHOFEN, 1992, p. 11) também foi aquilo sobre o que se construíram em pedra as ideias sobre um divino-feminino permanente. Em outro contexto, um contexto de opressão, as análises sobre o sexismo também poderiam partir de um olhar para como as mulheres haviam sido destituídas do seu lugar de direito no cumprimento dos ritos funerários.

A escrita do nosso antropólogo está impregnada do compromisso revolucionário de destrinchar os elementos constituintes das necrópoles antigas - talvez a tumba, os muros e os postes - em uma manifestação do humano diante da vida, inscrita nas lápides sujeitas à ação incessante do vento, do tempo e da deterioração. Existe uma diferença nessa terra, uma diferença na maneira como as pessoas existem depois de mortas... Falamos de uma terra que agora se reveste do luto, um chão sobre o qual florescerá uma vegetação diferente. O primeiro “edifício” humano seria esse altar erigido justamente sobre os restos dos mortos. Bachofen nomeia esse momento, ao qual ainda pertencemos profundamente, na sua escrita, como o “culto do altar” (BACHOFEN, 1992, p. 11):

O culto do altar também se relaciona à tumba, que constituía - por si mesma - um altar para a maioria dos povos antigos assim como, posteriormente, as catacumbas cristãs. Eram feitos sacrifícios ao doador da vida sobre o lugar onde descansavam os cadáveres. (BACHOFEN, 1992, p. 11)

Ao observar os cemitérios, Bachofen se interessa particularmente por todas as preces e pensamentos íntimos, essa matéria aparentemente intangível, que se deposita sobre as tumbas desde a antiguidade até os dias de hoje, quando os cemitérios são reduzidos a um empreendimento comercial no capitalismo. Falamos de um mundo onde as mulheres e os homens morrem também para fazer dinheiro mas no qual, apesar disso, poucos querem pensar sobre a morte, pois ela é abordada como um tormento ou a uma abstração desnecessária... Entretanto, Bachofen atesta que as ideias, a arte e a própria vida parecem florescer no mesmo sítio onde depositamos os nossos mortos, *as nossas mortas*, desde tempos imemoriais. De outro modo, como o pesquisador poderia explicar o interesse em visitar as tumbas, a enorme alegria criativa com a qual aquele momento o preenchia? É justamente da alegria que obtém quando está próximo às tumbas que o autor encontra a inspiração para ilustrar como vê os caminhos que o levam ao conhecimento. Por um lado, sabe que é inspirado, e formado, por uma combinação racional que permite com que apreenda qualquer coisa, ainda que não deixe de

reconhecer que a racionalidade torna mais lento e demorado o acesso a um saber que, embora não possa definir precisamente *qual*, parece imprescindível para a construção de uma verdadeira sabedoria. A segunda possibilidade, nomeadamente “o caminho mais curto da imaginação” (BACHOFEN, 1992, p. 11), nos confere uma emoção comparada à maneira como somos afetados por uma descarga de “eletricidade” (BACHOFEN, 1992, p. 11). Precisamente isso, um choque, uma descarga, o atravessamento por um raio, é o que Bachofen sente toda vez em que é tocado pela beleza acachapante da arte funerária. O que sente ao se aproximar de uma tumba é uma descarga que, embora possa ser estimulada, não pode ser de todo proporcionada a menos que se perceba, em toda a sua solidão, diante de um “monumento funerário”.

As necrópoles antigas, bem como as descrições que Bachofen faz das necrópoles antigas, abrem um caminho para que ele sinta como alguma coisa na maneira como os monumentos modernos representam a transitoriedade. Lhe causa “pensamentos depressivos” (BACHOFEN, 1992, p. 12). Mas o que, nessa representação, poderia marcar uma diferença na transitoriedade das vidas das mulheres e dos homens? Existe no texto uma noção de que os povos antigos teriam, quando colocados em um contraste com os modernos, uma consciência permanente muito maior da finitude da vida humana, baseada justamente em um conhecimento extraído dos mitos sobre as relações entre o divino-feminino e o humano.

O cenário montado por cemitérios da antiguidade parece bastante diferente dos campos santos estáticos que conhecemos. Em tempos mais antigos, conforme o autor relata, não havia tantas contenções e cuidados permanentes para que, por exemplo, a vegetação não avançasse sobre as pedras dos túmulos. Um nômade antigo, talvez, que retornasse ao sítio onde havia sepultado alguém teria, muitas vezes, que remover a vegetação crescida para revelar a pedra sinalizando o depósito do corpo sob o chão. Depois de um tempo, sobre alguns túmulos, cresceriam árvores tão altas que quase tocariam o céu. É uma observação interessante, tirada dos livros, que muitas dessas necrópoles antigas se encontravam bastante próximas de rios, regatos, cachoeiras e outros fluxos de água onde estaríamos, necessariamente, diante de imagens do fluxo e dos ciclos que pareciam constituir a própria existência humana. Para esse homem fascinado pelos mortos não se trata meramente de imagens,

mas de verdades emergindo a partir do conteúdo mais íntimo das religiões da natureza. Para nós, certamente, essas linhas são apenas poesia, cuja fonte mais rica parece ser na sua revelação da relação íntima entre o fenômeno da natureza inanimada e nossos próprios sentimentos. (BACHOFEN, 1992, p. 12)

De modo geral, as necrópoles antigas, observadas pelo autor, ficavam distanciadas das cidades. A própria quietude que o autor encontra nos campos santos é o que constitui o abrigo destinado aos que morrem, pois, além do silêncio, parece que “nada intervém entre eles e nós” (BACHOFEN, 1992, p. 12). Buscando em nosso passado comum, em um trabalho que contribui para a construção de uma determinada consciência sobre a morte, ele evidencia que nas construções tumulares modernas existe uma determinada concepção de “horror” (BACHOFEN: 1992, p. 13), criada justamente por uma interdição entre o corpo e a natureza. Nos sítios arqueológicos antigos, ao contrário dos cemitérios da modernidade, a “alegria da vida” (BACHOFEN, 1992, p. 13) se presentifica nas plantas, pássaros, fungos, pequenos roedores e outros seres vivos que efetivamente ocupam o espaço destinado também aos restos mortais humanos. Em algum sentido, Bachofen observa como esses túmulos faziam parte das florestas, das grandes massas de vegetação que cercavam pequenas ocupações humanas.

Em seu estudo sobre o mundo interior das mulheres e dos homens da antiguidade, ele não deixa de mencionar como toda aquela visão dos cemitérios antigos suscita uma reflexão sobre o que é comum ao homem moderno-contemporâneo e ao homem antigo, a saber, as belas ideias éticas que se desenvolvem paralelamente ao progresso humano (BACHOFEN, 1992, p. 13). A sua antropologia/filosofia nos deixa entrever uma determinada relação com a morte, no que diz respeito ao lugar que as lendas e a história ocupam em um sistema de crenças, passando a configurar o momento preciso em que a ficção representa um testemunho sobre a existência de “povos antigos”:

A casa do tesouro que abrange suas memórias mais antigas da história serve também como fonte das verdades éticas mais antigas. Além disso, proporciona consolo e esperança para os moribundos. (BACHOFEN, 1992, p.13)

Diante desses cemitérios que considera verdadeiros monumentos atestando o caminho da humanidade no tempo, a sua infância e maturidade, Bachofen sente uma profunda inquietação sobre essas duas ficções/ esses dois testemunhos, a antiguidade e a



modernidade, que parecem descortinar uma identidade humana diante da morte. É como se, permanentemente, um tipo de construção tumular que parece, no fim das contas, estar cumprindo a sua função para que o corpo humano não se decomponha na terra, isolando-o em paredes e câmaras de cimento e pedras, nos obrigasse a entrar em contato com sentimentos profundamente difíceis e desagradáveis que temos sobre o fim... A morte, nos cemitérios modernos, parece exigir uma “*seriedade da alma*” (BACHOFEN, 1992, p. 13), diante de um processo de putrefação controlado, extremamente dolorosa para os que enterram ou choram os seus defuntos. Ao invés de acompanhar um *rastró* deixado pelos mortos, a modernidade parecia querer conservá-los em uma espécie de luxúria necrófila, de morbidez.

A crítica de Bachofen também é a uma certa concepção linear de tempo, pois, a partir do momento em que concebe que a cultura predetermina a maneira como existimos e nos sentimos diante do mundo, o autor aponta para o fato de que uma mudança nos papéis de gênero não acompanha exatamente uma ideia de desenvolvimento humano. Pois, ao que parece, a sua antropologia remete a um tempo em que as mulheres nasciam, eram jovens, amadureciam e morriam sem estarem atreladas a um cenário de opressão inerte. Nesse contexto, o autor também chama a atenção para o fato de que as mulheres pareciam guardar outra relação com a morte, onde a cultura do fim parecia penetrá-las de outras maneiras. Ao contrário de uma concepção mais moderna, de que a morte poderia nos livrar das culpas, as sacerdotisas e líderes políticas antigas, as mulheres efetivamente empoderadas das quais falamos, não pareciam reconhecer o corpo como a fonte dos sofrimentos humanos. Sendo assim, a sua religião estava fundamentada em outros papéis, interações e, por fim, em outra concepção de morte, onde *efetivamente* não há uma separação entre as existências dos vivos e dos mortos.

Os modelos que decorrem de uma interpretação da morte parecem variar bastante de uma época para a outra da história humana. Na modernidade, Bachofen demonstra como o seu conteúdo aterrorizante, o terror da degeneração do corpo, sustenta as promessas de vida eterna que alimentam também a submissão a um poder religioso, agora institucionalizado. O final feliz dos crentes, cujos corpos eram autorizadamente depositados nos campos santos, parecia bastante diferente do caos ao qual eram relegados os suicidas, as prostitutas e todos os que pareciam indignos de receber a graça de um sepultamento religioso.

Nos rituais fúnebres primitivos, existia uma celebração da Mãe, do papel materno na morte e no nascimento. Da mesma maneira como éramos trazidas ao mundo por uma mulher terminávamos os nossos dias na terra integrados a um divino-feminino: uma crença que também constituía os vínculos e a raiz das sociedades humanas mais primitivas. Esse sangue, passado de mãe para filha, e dispensado no período menstrual, também era uma tradução da beleza das mulheres em poder, de uma aliança entre nós e da devoção a uma deusa que representava essa mesma união feminina. Morrer era como encontrar um caminho de volta pra casa... Entretanto, esse caminho era justamente o que parecia estar sendo negado pela modernidade desde as suas primeiras sementes plantadas na Idade Média.

Na história medieval da Branca de Neve, conforme registrado pelos irmãos Grimm, os anões manifestam profunda insatisfação diante da ideia de enterrar o corpo da personagem principal, que não gostariam de abandonar ao processo de deterioração, ou de reintegração com a natureza. Sendo assim, em lugar de enterrá-la no chão, como parecia ser o convencional até algum momento, eles construíram um caixão de cristal onde pretendiam preservar o seu corpo:

Os anões, que amavam Branca de Neve, não conseguiram colocá-la dentro da terra. Então, fecharam-na em um caixão de vidro que colocaram no alto de uma montanha. (DWORKIN, 2000, p. 69)

A preservação do corpo em uma caixa de vidro, segundo a história, era tão bem-sucedida que um príncipe passou e se apaixonou por aquela mulher morta que parecia estar dormindo... Ao contrário do que podemos entender, essa celebração fúnebre não era em nada irracional, mas sim uma homenagem a validação social de doutrinas religiosas que reconfiguravam a vida e pareciam reordenar os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. Mas, em que medida, o estudo desses papéis estaria alinhado, ou não, com uma verdade suprema? Segundo as palavras do autor:

é inevitável que chegue o tempo em que o acadêmico examina, com seriedade, os seus estudos em relação às verdades supremas. Ele se torna consciente de um desejo, uma necessidade urgente, de se aproximar ao sentido eterno das coisas. A casca já não é suficiente. O pensamento de ter se degladiado tanto tempo com formas sem valor se

transforma em um tormento. Então, é possível que alguém se salve quando percebe que mesmo nessas formas é possível descobrir a “pegada do eterno”. Eu sei muito bem quais são os perigos que me assaltam nesse momento. Eu posso ter me desviado em algumas encruzilhadas metafísicas e perdido o meu caminho pra sempre. (BACHOFEN, 1992, p. 15)

Talvez, em se tratando dos cemitérios, o maior trabalho da vida do autor tenha sido se embrenhar por uma pesquisa extenuante e capaz de revelar que, na busca por essa verdade suprema, não se pode compreender uma “cultura funerária” em isolamento (BACHOFEN, 1992, p. 16). Portanto, é um problema como a força de uma determinada tradição masculina parece ocupar mais espaço nas covas do que os mortos, suprimindo o poder das figuras femininas mitológicas que nos definem, nos transformam em inertes estátuas de mármore... Quando olhamos para trás, percebemos o quanto uma certa história, uma retrospectiva dos sepultamentos, nos define ao mesmo tempo em que nos delimita possibilidades existenciais. A função da maternidade, no instante da morte, talvez seja a de um acolhimento de quem agora retorna a um grande útero. Nesse sentido, a exclusão das mulheres da sociedade parece dizer respeito ao surgimento de outros rituais fúnebres capazes de destituí-las dos seus poderes ao mesmo tempo em que as suas existências são apagadas... E, com isso, a existência de toda a humanidade é progressivamente apagada.

Sobre os cemitérios, pairam outras mortes que são, por vezes, de toda uma coletividade<sup>66</sup> ou até mesmo de Estados que cessaram de existir... E uma determinada concepção de morte que floresce em nosso tempo, sob o amparo de uma sociedade de consumo, parece transformar o fim em um fatalismo ao qual todos sucumbimos. Talvez a ideia de uma vida finita, que não se perpetua depois da morte, mas que é totalmente **consumida** na existência mundana, seja a mais capitalista de todas as imagens para ilustrar o momento de transição de um corpo para a terra... É claro que cada um de nós morre em determinadas condições históricas. Alguns são enterrados por “legiões de patriotas” (BACHOFEN, 1992, p. 14), outros sucumbem por conta de males que afastam a presença de todos os outros: as pestes e as pragas que também constituem uma história dos cemitérios.

---

<sup>66</sup> No caso do Cemitério das Polacas de Inhaúma, como acontece em alguns cemitérios como, por exemplo, os que são criados para dar conta da demanda dos corpos que tombam em uma guerra ou por conta de alguma doença de proporções avassaladoras, vemos uma situação que extrapola os sepultamentos “cotidianos”.

Certas mortes, por muitos motivos, são afastadas do campo de reflexão das pessoas. Trata-se também, com esse apagamento, de impedir que uma determinada história, plantada nos cemitérios, dê todos os seus frutos... Os homens e mulheres que tiveram os seus nomes apagados, raspados e lavados das lápides, ao longo da nossa história, ainda são possuidores de seu “ser mais profundo” (BACHOFEN, 1992, p. 14). E, portanto, de um ser passível de ser resgatado, rebatizado e renascido... Isso acontece apesar da sensação de que muitos nomes próprios, ou nomes de família, parecem estar irremediavelmente perdidos... Mas, de algum modo, tudo o que se perdeu ainda imprimindo no mundo a sua fantasmagoria criadora, que acaba por se impor até mesmo sobre um ritmo aparentemente determinado apenas pelas coisas vivas... A questão fundamental ainda parece ser a de que nada se perde, ao mesmo tempo em que nada se preserva na sua integridade...

O pensamento investigativo de Bachofen se desenvolve, assumidamente, em um terreno de “fundação religiosa” (BACHOFEN, 1992, p. 16). Sem essa perspectiva, tomada como uma espécie de coração da sua pesquisa, muitos segredos diante dos quais nos colocamos não poderiam ser revelados... Para o autor, não existe a possibilidade de realmente se prescrutar um campo santo quando não existe uma abertura para o “significado eterno das ideias humanas” (BACHOFEN, 1992, p. 16), pois “o divino só pode ser apreendido por uma mente divina. E não por um processo racionalista, de conceituação sobre conceituação, que se define para além” (BACHOFEN, 1992, p. 16). Ele não insinua... Pelo contrário: Bachofen deixa claríssimo que o objetivo da sua pesquisa é a transformação do seu próprio ser, um retorno à uma simplicidade antiga que o invade na forma de uma profunda saúde. Tudo isso, talvez, tenha início na consciência de que uma Lei e uma política dos povos antigos parte, justamente, do seu pensamento e da sua ação. Sob essa Lei, está uma “única” (BACHOFEN, 1992, p. 16) Lei, quem sabe a da geração e da corrupção, que garante o movimento de todas as coisas... A regra do fim sobre a nossa existência seria, simultaneamente, a constatação da transcendência e a celebração do “instinto animal” (BACHOFEN, 1992, p. 16).

O que procurou no pensamento mais antigo o autor não encontrou na Lei e na política do próprio tempo... Uma imagem do seu túmulo talvez possa ajudar a clarear a nossa percepção sobre o tema... O homem foi sepultado na inorganicidade do cimento que tanto repudiava. Por essas e por outras coisas o estudo sobre a morte do qual dá conta também é uma espécie de confissão, como uma antevisão, sobre os próprios

limites impostos pela morte... Em um ensaio sobre o simbolismo mortuário Bachofen colocou em questão as condições em que aconteceria a própria morte. Uma morte indesejável, principalmente por conta da ritualística que a envolveria... E da qual seria impossível escapar...

## **BIBLIOGRAFIA**

BACHOFEN, J.J. **Myth, religion and mother right**. Translated from the German by Ralph Manheim. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

DWORKIN, Andrea. **Woman hating**. Boston: E. P. Dutton & Co, 1974.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere. Volume 1. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.